

Tempo de esperança

■ Fundação revela que desigualdade retoma patamar pré-crise

As seis principais regiões metropolitanas brasileiras dão sinais de que estão se recuperando da crise, segundo estudo divulgado ontem pelo economista Marcelo Néri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Ao analisar a evolução da renda na Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE – a PME – especialmente de julho de 2008 a julho deste ano, Néri detectou que a desigualdade, que havia dado sinais preocupantes de aumento nos primeiros meses deste ano, no pico da crise, praticamente voltou aos patamares de 12 meses atrás.

De 2003 a 2008, a série histórica mostra que a pobreza e a desigualdade caíram de forma praticamente constante. Esse movimento de melhoria foi interrompido em janeiro deste ano, quando os efeitos da crise começaram a ser percebidos com mais força nas regiões metropolitanas brasileiras.

DIVULGAÇÃO



São Paulo teve o pior desempenho de 2008 a 2009, com aumento na renda per capita de apenas 0,5%

responsáveis tradicionais.

A crise interrompeu o processo de aumento das classes sociais mais altas, A e B, mas não a passagem de pessoas das classes mais baixas, D e E, para a classe C, de acordo com a pesquisa. "É um empate e é um resultado muito bom para a época de crise, mas é uma parada súbita, já que a gente vinha melhorando a taxas altas. O copo está meio cheio e meio vazio", disse Néri.

Ele observou que entre 2003 e 2008, 27 milhões de pessoas, "meia França", foram incorporadas ao conjunto de classes A, B e C e 24 milhões deixaram a pobreza.

O conjunto das classes A e B, que tinha crescido 35,7% entre julho de 2003 e julho de 2008, caiu 0,5% entre julho do ano passado e julho deste ano. Já a classe C, que tinha aumentado 23,1% entre os meses de julho de 2003 e 2008, subiu mais 2,5% de julho do ano passado até julho de 2009, período em que a classe D encolheu 4,1% e a classe E se reduziu em 3,3%.

Néri também observou que as periferias de maneira geral reagiram melhor à crise do que as capitais, com a exceção de Salvador. De acordo com ele, isso pode estar ligado ao fato de a indústria e os serviços financeiros terem sido mais atingidos pela crise e os setores de comércio e serviços terem ido melhor.

SAIBA +

Na comparação das seis regiões metropolitanas da pesquisa (São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio e Porto Alegre), São Paulo teve o pior desempenho entre julho de 2008 e julho de 2009, com aumento na renda per capita de apenas 0,5%.

Nas demais, o crescimento variou de 3,7% (caso de Recife) a 6,4% (em Belo Horizonte). A pesquisa envolveu também separadamente as capitais e as demais cidades que compõem as regiões metropolitanas. Na maioria delas, os municípios ao redor das capitais atravessaram melhor o período de crise.

Em São Paulo, por exemplo, a capital chegou a registrar de julho de 2008 a julho de 2009 queda de 3,2% na renda média per capita. Em compensação, as demais cidades da região metropolitana tiveram crescimento de 7,7% na renda média.

Seguro, bom para poucos

O Centro de Políticas Sociais da FGV apresentou ontem, também, uma pesquisa sobre o setor de seguros voltado para a população de baixa renda. A conclusão é de que há uma demanda reprimida para esse serviço no Brasil, mas é necessário desenvolver tecnologias que permitam ao trabalhador mais pobre e do setor informal ter acesso a um seguro.

Com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE, de 2003, foi possível identificar que 17% dos brasileiros têm algum

tipo de seguro privado -de saúde, carro, vida ou residência.

Como de 2003 a 2009, segundo cálculos de Marcelo Néri, da FGV, 27 milhões de brasileiros foram incorporados às classes C, D e E (aquelas com renda domiciliar total abaixo de R\$ 1.115), o economista aponta que o mercado de seguros no país teve bastante campo para se expandir no período.

Néri afirma, no entanto, que os seguros privados estão altamente concentrados na população de maior renda. O desafio, segundo ele, é

fazer chegar esses produtos aos brasileiros mais pobres, justamente aqueles que mais precisam de seguro para se precaver das oscilações no mercado de trabalho.

Ele citou estudo do Banco Mundial que aponta que razões de saúde são um dos principais fatores a levar pessoas à pobreza, uma situação que pode ser evitada quando o trabalhador tem acesso a um plano de saúde. "O microsseguro pode representar para a economia o que o microcrédito foi nos últimos 20 anos", diz.